

O ARTISTA POPULAR: REINVENÇÕES E AS NOVAS APROPRIAÇÕES DOS REIS DE BOI

Gisele Lourençato Faleiros da Rocha¹

A arte brasileira é marcada pela presença de artistas do “povo”, os quais deixam suas marcas na vida cotidiana das cidades por meios de performances e processualidades artísticas, submetidas a constantes (re) invenções e novas apropriações. O artigo tem como proposta analisar as representações dos artistas populares da manifestação de Reis de Bois em São Mateus / ES. Ao mesmo tempo busca-se compreender a aspectos de identidade, da cultura e das referências estéticas presentes no cotidiano, marcadas pela materialidade, pela temporalidade e por brasilidades.

O Reis de Boi e a Cultura Capixaba

A minha primeira passagem pelo Estado do Espírito Santo no ano de 2009 deixou em minhas lembranças uma expressão dita por um pescador em um diálogo informal, enquanto eu visitava a cidade de Conceição da Barra / ES: “Moqueca é Capixaba, o resto é peixada”. Essa estreita relação com o lugar, combinou alimentos do mar e da terra e permitiu que a culinária capixaba fosse identificada por sua moqueca de coloração avermelhada dada pela tintura sedutora do urucum, preparada e servida em Panela de Barro² e pelos produtos derivados da mandioca, em especial Bijus, Farinhas e Tapiocas.

De início as tradicionais iguarias da culinária estabeleceram para mim um conjunto de relações com o lugar, com os alimentos consumidos nas localidades, com as práticas econômicas da região, com os modos de fazer e uma forma de distinção das tradições capixabas outros Estados brasileiros. Essa mesma relação pode ser evidenciada nas produções artesanais locais, nos pontos turísticos e no patrimônio imaterial e material do Espírito Santo.

A cultura capixaba é caracterizada por uma diversidade de expressões e manifestações culturais: Danças³, Folguedos⁴, Festas⁵, localizadas em distintas regiões do território Capixaba. Essa variedade é descrita no Atlas do folclore Capixaba (2009) e de início já nos apresenta um lócus privilegiado de estudos⁶. Pesquisas sobre danças, folguedos e festas no Estado do Espírito Santo ainda estão por fazer-se (NEVES, 2008).

A documentação, o registro de ocorrências dessas manifestações em diferentes épocas, sua periodicidade,

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais – UFRJ, na Linha de Pesquisa Imagem e Cultura.

² A panela de Barro foi o primeiro Patrimônio Imaterial a ser tombado nacionalmente pelo IPHAN. Inscrito no Livro de Registro dos Saberes, o Ofício das Panelas de Goiabeiras foi declarado Patrimônio Cultural do Brasil, em 21 de novembro de 2002. Fonte: I Catálogo de Produtos Culturais do Espírito Santo. Vitória: Secult, 2005.

³ Realizadas por grupos folclóricos de estrutura simplificada, com dançadores variados compostos por homens e/ou mulheres e, geralmente organizados por um mestre. Apresentam geralmente uma coreografia específica, desprovida, de contexto dramático e podendo em alguns casos contar com uma indumentária caracterizadora característica. Consultar: Atlas do Folclore Capixaba. Espírito Santo: SEBRAE, 2009, p.44.

⁴ Grupo folclórico de composição variada e personagens diversificados, com funções singulares dentro do conjunto, geralmente vestidos a caráter ou com insígnias identificadoras, que se exhibe em dramatizações dinâmicas ao som ou não de instrumentos musicais, normalmente com falas e gestual caracterizador do folguedo. Ibidem.

⁵ Celebrações populares tradicionais com ocorrência localizada, que se repetem em determinadas épocas do ano por motivação variada, tendo por elemento caracterizador a dança ou caminhadas por terra, mar ou rio, dos seus participantes e a conotação profano-religiosa como traço de relação tradicional com a festividade comemorada. Ibidem.

⁶ Essa variedade é descrita no Atlas do folclore Capixaba (2009) e de início já nos apresenta um lócus privilegiado de estudos de Danças: Açoriana, Alemã, Bate-flechas, Capoeira, Congo, Holandesa, Italiana, Jaraguá, Jongu, Caxambú, Mineiro-pau, Polonesa, Pomerana, Portuguesa, Quadriilha; Folguedos: Alardo de São Sebastião, e Festas: Panelas, Congo de Máscaras, Nossa Senhora da Penha, São Benedito, São Pedro, Pomitafro, São Sebastião, Pastorinhas, Festa do Divino Espírito Santo, Reis, Folclore Barrense, Reis de Boi, São Beneditino das Piabas, Procissão Marrítima de São Pedro, Carnaval do Boi Janeiro, Carnaval do Boi Juruba, Carnaval do Boi Pintadinho, Roubada de Bandeira, Pomerana, Caxambu do Horizonte.

duração, constância, estrutura de organização e elementos característicos de suas dramatizações, seus cânticos, suas músicas, seus bailados, instrumentos, as vestimentas dos brincantes, o imaginário popular, todos esses aspectos a meu ver encontram-se relacionados à questão de identidade, com características e elementos relacionados aos grupos sociais nos quais acontecem. Portanto, torna-se importante relacionar o conceito de identidade dos grupos de Reis de Boi no contexto das demais manifestações culturais da cultura capixaba.

Reis de Boi: que identidade é essa?

A manifestação de Reis de Boi é classificada como um folguedo popular, recorrente de forma mais intensa nos municípios de Conceição da Barra, Itaúnas e São Mateus⁷, especificamente na região norte capixaba. No que tange à questão de identidade indagamos: quem são os brincantes dos Reis de Boi? Qual a relação do boi, do pai Francisco, do vaqueiro, da Catirina na manifestação de Reis de Boi?

Cada grupo tem um mestre e ele é o responsável pelo Reis de Boi, é quem ensaia, tira as letras das músicas, prepara os animais e bichos e por isso é considerado “o dono da brincadeira”⁸. Os integrantes dos grupos de Reis de Boi declaram “nós brincamos os reis”. Portanto, ao mesmo tempo em que se homenageiam os Reis Magos, encontramos uma necessidade social do lazer, da brincadeira, em realizar a festividade, preservar o seu acontecimento: “a festa é uma necessidade social em que se opera uma superação das condições normais de vida”. (BIROU, 1996)⁹.

Nesse contexto, os mestres, os marujos, a catirina, a bichara e demais personagens compõem outras faces da realidade vivida, das identidades dos integrantes dos Reis de Boi. Em ações do trabalho, no cotidiano esses homens exercem diferentes funções em suas atividades diárias: como pequenos agricultores, pescadores, artesãos, pedreiros, vigias em escolas e em repartições públicas, pequenos comerciantes, vendedores, outros vivem de suas aposentadorias. Alguns deles além de participar de mais de um grupo de Reis também se integram às práticas culturais dos jongueiros¹⁰.

A atuação dos brincantes dentro de diferentes manifestações sinalizam a existência de práticas híbridas (BURKE, 2003), num contexto de mistura ou mescla de grupos coletivos e tradições culturais ou até mesmo na existência de “um diálogo dos praticantes do jongo com outras formas de expressão recorrentes nas localidades estudadas: festas de santo, a umbanda, nos ternos dos santos reis, nas marujadas e nos bumba-bois” (IPHAN, 2005). Portanto, é importante reconhecer que as fronteiras culturais que separavam esses grupos são fluidas e encontram-se suscetíveis a transformações, hibridizações e influências múltiplas.

⁷ Levantamento de Grupos Pesquisados: Reis de Boi de Juca e Mateus Nascimento, Reis de Boi de Elvácio e Hermenegildo, Reis de Boi de Elvácio e Hermenegildo, Reis de Boi de Ailton de Luzia, Reis de Boi Mirim Projeto Araçá, Reis de Boi Mirim Pedra D'água, Reis de Boi de José Bernardo, Reis de Boi dos Laudêncio I, Reis de Boi dos Laudêncio II, Reis de Boi de Maria Justina, Reis de Boi Antônio Galdino, Reis de Boi de Ernesto/Lino, Reis de Boi dos Machados, Reis de Boi dos Machados, Reis de Boi do Palmitinho, Reis de Boi do Joventino, Reis de Boi de Barreiras, Reis de Boi de Valentim, Reis de Boi Tião de Véio, Reis de Boi de Paixão, Reis de Boi de Barros, Reis de Boi de Juca, Reis de Boi do Zozó.

⁸ INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE BRASILEIRO. Atlas folclórico do Brasil. Espírito santo, Rio de Janeiro; FUNARTE, 1982, p.78.

⁹ Por isso, elas se repetem constantemente em nossa vida social, sendo “um acontecimento que se espera, criando-se assim uma tensão coletiva agradável, na esperança de momentos excepcionais”. BIROU, Alain. Dicionário das Ciências Sociais. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

¹⁰ Dança de roda e de origem africana. Os jongueiros em São Mateus prestam homenagem à São Benedito, Homens e Mulheres participam sob a orientação de um mestre. No Jongo, por exemplo, identifica-se uma sequência pré-definida de ritos: como a colocação do mastro, as celebrações católicas, a dança do jongo, a interação com a comunidade (fig. 1). Todo esse processo é mediado por trocas culturais, simbólicas e conhecimentos populares que caracterizam a cultura regional capixaba. O Jongo recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil e encontra-se inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural de natureza Imaterial. Constitui-se uma expressão de origem africana e consolidou-se entre os escravos que trabalhavam na cultura do café e da cana-de-açúcar, na região do sudeste brasileiro, principalmente no Vale do Paraíba. Informações extraídas do Dossiê do Jongo do Sudeste, parecer no001/GI/DPI/Ipphan e processo no 0150.005763/2004-43. Brasília: IPHAN, 2005 e Certidão de Tombamento do Jongo, de acordo com o artigo quinto do Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000, conferido pelo presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Os Reis de Boi compõem um Auto em homenagem aos Santos Reis e é também conhecido como “Boi Mole” pela ausência de armação em sua estrutura, sustentado apenas por um bastão de madeira, tendo o seu corpo coberto por tecido de Chita colorida¹¹. A cabeça é enrolada no tecido e o boi pode ser levado no ombro, esse aspecto facilita bastante a mobilidade dos grupos durante os períodos de apresentação (Fig. 1).

A identidade dos grupos também pode ser identificada nas denominações do Reis de Boi. De maneira geral o grupo de Reis de Boi leva o nome de seu mestre, função que é repassada posteriormente para outros familiares ou por um frequentador do grupo apto para essa função¹². Outro aspecto refere-se às diferentes localizações dos grupos de Reis de Boi, compostos por integrantes ora residentes na cidade de São Mateus e Conceição da Barra, ora moradores de propriedades rurais e comunidades quilombolas nas adjacências do município. Os grupos de Reis de Boi também levam o nome dessas localidades, como por exemplo, o Rei de Bois das Barreiras, localizado em Barreiras no município de Conceição da Barra e o Reis de Boi do Palmitinho localizado na Comunidade Palmitinho no município de São Mateus.

Em outras situações específicas o nome do grupo é coordenado por um casal, como no caso do Sr. Sebastião Guilherme e Sra. Maria, organizadores do Reis de Boi Tião de Véio e Sr. Joventino e Sra. Maria Liça no Reis de Boi do Joventino. Duas particularidades merecem destaque o Grupo de Reis de Boi de Maria Justina, que é o único Reis de Boi coordenado por mulheres e o Grupo de Reis Mirim em Pedra d’água, no qual a Sra. Eni Bento Ferreira ensina crianças desde o ano de 2004. Outros grupos, de maneira singular fazem homenagem aos líderes quilombolas da região norte capixaba: o Reis de Boi do Manuel Sapucaia (Mestre da Cultura Quilombola, de Reis de Boi e Ticumbi) e o Reis de Boi do Mateus de Ernesto/ Lino.

O Reis de Boi de Ernesto / Lino, localizado na Comunidade de Linharinho e Povoado de Santana em Conceição da Barra se diferencia dos demais, em especial na estruturação do auto dos Reis de Boi. O seu conjunto de personagens retrata a relação entre senhores e escravos. Demonstra-se a existência de um engenho com duas crianças que puxam a roda do engenho junto com os demais brincantes.

Portanto, a identidade de cada grupo é construída em função de argumentos que a nutrem e, assim cada grupo pode passar por diferentes configurações de identidade, em diferentes momentos de sua história em consequência de situações que vivenciadas. Aqui percebemos o quanto as questões de identidade encontram-se associadas às práticas culturais, cotidianas e relacionadas a uma interdependência entre condições objetivas e experiências subjetivas da vida, dos modos de agir, pensar que são produzidos em comunidade. Essa característica multifacetada das identidades merece atenção, em especial porque os membros de um mesmo grupo são submetidos a diferentes processos de apropriação de uma mesma produção simbólica¹³.

Que boi é esse que invade as encenações?

Durante a sequência de encenações do Auto do Reis de boi vários atrativos chamam a atenção dos visitantes, turistas, integrantes de outros grupos, familiares que frequentam as apresentações. Entretanto, no

11 INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE BRASILEIRO. Op. Cit.

12 Em alguns casos o mestre mantém o grupo como pagamento de uma promessa e todos se juntam devotos aos Santos Reis. INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE BRASILEIRO, op. Cit, p.78.

13.AZEVEDO, Cecília. Identidades Compartilhadas. In:ABREU, M.; SHOIHET, Rachel (Org.). Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro, Casa da Palavra/FAPERJ, 2003. A esse respeito Abreu (2003) destaca que não devemos perder de vista a reflexão sobre as possibilidades das manifestações se encontrarem relacionadas com lutas sociais e políticas mais amplas da sociedade a que pertencem. ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. ABREU, M.; SHOIHET, Rachel (Org.). Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro, Casa da Palavra/FAPERJ, 2003.

momento em que o boi entre em cena com sua bicharada percebemos que as pessoas se amontoam ao redor das apresentações e na expectativa do desenrolar das encenações. Mas que boi é esse? Seria o boi um personagem e ao mesmo tempo o elo entre os Reis de Boi e outros folguedos existentes em nosso Brasil?

Do conhecido mito do boi que se espalhou pelo Brasil afora muitos folguedos foram celebrados, cada um a maneira de sua região: Bumba-meu-Boi no Maranhão e Ceará, Boi-Bumbá no Amazonas, Boi-Calemba no Rio Grande do Norte, Boi de Mamão em Santa Catarina. No Maranhão, o Bumba-meu-boi festejado pela população negra ficou proibido entre 1861-1868, até a década de 60 os bois não podiam ir para o centro de São Luiz para não incomodar as famílias. Na contemporaneidade, outra realidade foi instaurada, a capital maranhense reúne cerca de 100 grupos com apresentações variadas.

Em Parintins multidões esperam anualmente para assistir a disputa entre as agremiações: Boi Garantido e Boi Caprichoso para ver quem descreve melhor o mito do Pai Francisco e Mãe Catirina. O Bumbódromo é preenchido por bonecos gigantes, dançarinos enfeitados, carros alegóricos, e representações de elementos da mitologia indígena: curupira, cobra gigante, formiga de fogo e o famoso boto. Vocês devem estar perguntando, mas qual é mesmo o mito? O pai Francisco roubou o boi do patrão para satisfazer o desejo de sua esposa que estava grávida e com desejo de comer a língua do boi. O patrão ao perceber a ausência de um de seus bois no rebanho interrogou todos os seus escravos até que pudesse descobrir o responsável. Após se aborrecer com pai Francisco a patrão o obrigou a trazer o boi vivo novamente. Pai Francisco pede ajuda a um pajé e ao conseguirem fazer o animal ressuscitar uma grande festa foi realizada para celebrar o milagre¹⁴.

Nos Reis de Boi, o mito é (re) significado. O som do apito avisa a todos que a apresentação vai começar. Os marujos tocam uma marcha de chamada do vaqueiro, que aparece depois que a melodia é repetida algumas vezes. Ele entra em cena sapateando, com os pés no chão vai batendo um bastão como se fosse uma bengala (Fig 2.). Na maioria das vezes utiliza um traje velho ou colorido, uma calça amarrada ou com perneiras e com bolsos de fora para indicar que estão vazios. A roupa é de um vaqueiro trabalhador, quem após sua exibição ao público começa o seu discurso dando boa noite ao dono da casa e ofertando o seu boi para ser comprado. Concluídas as negociações entre o vaqueiro e o dono da casa inicia-se a chamada do boi que entra dançando e interagindo com o público. Terminada a cantoria ocorre a morte do boi, nesse momento todas as partes do boi são vendidas e cada um contribui com o vaqueiro como pode. Posteriormente o boi é ressuscitado e dança ao som da marcha “Levanta meu boi”.

O vaqueiro tenta também vender outros bichos, e com isso cada grupo de Reis de Boi revela a autenticidade de seu imaginário: macacos, cucas, lobisomens, lobas, sapos invadem o público e provocam uma tremenda euforia. Nas encenações o vaqueiro tem vários nomes, entretanto o mais comum é Pai Francisco e sua esposa é a Catirina, quem aparece na forma de um travesti e se agarra ao marido. Durante o auto, Catirina invade o público e também dança com os participantes, sendo este um dos momentos mais esperados da festa.

Um espaço para as palavras dos brincantes

Nesse rico cenário de imaginações e encenações alguns sentidos, significados e processualidades nos

14 DELFINI, Luciano. Festas populares do Brasil. São Paulo: Europa, 2011.

são reveladas. O mestre do grupo de Reis de Boi Tião de Velho revelou que toda inspiração para as músicas surge no momento das atividades cotidianas. Para ele a importância dos Reis é realizar várias apresentações, em vários lugares: “O Reis de Boi significa uma maravilha do tempo antigo e que não se pode esquecer. Se abandonarmos os reis a nossa raiz morre, isto porque é dos mais velhos que são transmitidos para os mais novos”.

O mestre do Reis de Boi Valentim declarou que as marchas são criadas durante o próprio ensaio e coletivamente: “a gente inventa as marchas e depois faz as melodias. A cada ano são diferentes”. Sobre a confecção dos bichos mencionou que são feitos de madeira e papelão. Para o mestre dos Reis do Laudêncio II o mais importante é louvar os Santos Reis, a partir daí é que vieram outras histórias. As histórias são para incrementar a brincadeira e ilustrar para que ela não fique “sem graça”. Para ele os personagens como boi, o cachorro, a mula representam a vida no interior, como por exemplo, “a mula, o boiadeiro montado que a vai guiando”.

O mestre dos Reis do Laudêncio I pontua que “Os Reis de Boi estão no sangue, tem um sentido religioso e é uma tradição trazida desde a infância”. Tudo é importante os chapéus, por exemplo, “eu compro o chapéu e peço a uma vizinha devota dos Santos para forrar e a partir do chapéu forrado eu enfeito, costuro flores de depois por último coloco as fitas e a faixa”. A faixa teria o significado de acompanhar os Rei e por isso todos eles usam a faixa. Nesta perspectiva, reconheço nos grupos de Reis de Boi a “bricolagem”, o trabalho manual, a criação de novas representações, imaginários sem abandonar processualidades e invenções anteriores¹⁵.

Ressaltamos, ainda, que em depoimentos dos brincantes a manifestação de Reis de Boi é descrita como existente há mais de 300 anos, entretanto não é possível identificar e contextualizar essa afirmação. Nessa perspectiva postulamos a ideia da manifestação de Reis de Boi em processo de uma (re) invenção constante, emblemática e singular dentro das mais variadas formas de expressão da produção cultural norte capixaba.

A compreensão desses novos tempos e espaços, de novos códigos e contextos poderá reconstruir os novos processos de estruturação da manifestação de Reis na contemporaneidade. Cabe-nos, portanto, a expressão “invenção das tradições” para fazer referência às dificuldades de localizações temporais das práticas culturais. As relações com o passado são contrastadas com as novas mudanças e inovações (HOBSBAWM, 2002). Sendo assim, não nos detemos em explicar a manifestação de Reis de Boi associada há tempos históricos, a sua origem ou legitimidade. De forma contrária, o entendimento de das novas configurações possibilita uma maior caracterização das atuais configurações dos Reis de Boi, identidades de seus praticantes e apreciadores: seja o homem do campo ou da cidade, os turistas, os familiares, artistas, artesões, pesquisadores, profissionais da cultura, entre outros.

15 LÉVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

Referencias Bibliográficas

- ABREU, Martha. **O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt; DENTZIEN, Plínio. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. São Paulo: Papyrus, 1989.
- _____. **A Festa do Santo Preto**. RJ: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia/Universidade Federal de Goiás, 1985.
- BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- _____. **O que é a nova história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- _____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2000.
- GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. In: **O saber local**. Rio de Janeiro: LTC, 1997.
- _____. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, MinC/IPHAN, 1996.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HUYSEN, Andreas. Discurso artístico y postmodernidade. In: PICÓ, Josep. **Modernidade y Post Modernidad**. 3ª Ed. Madrid: Alianza Editoria, 1998.
- JAMESON, Frederick. O Pós-Modernismo e a sociedade de consume. In: KAPLAN, E. ANN
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper, 1884-1942. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAUSS, Marcel. Estética. In: **Manual de etnografia**. Lisboa: Editorial Pórtico, 1967.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos. **Breviário do folclore capixaba**. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2011.
- _____. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982**. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.
- PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PICÓ, Josep. **Modernidade y Post Modernidad**. 3ª. Ed. Madrid: Alianza Editorial, 1998.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naif, 2010.



Fig 1 - Foto Gisele L. F. Rocha



Fig 2 - Foto Gisele L. F. Rocha